

Dez anos que abalaram a economia do país

■ A renda encolheu, a disparidade social aumentou e o Brasil ficou longe da imagem-modelo que tinha no início dos anos 70

Nos anos 70, o Brasil ainda fazia parte do promissor grupo de países apelidados de NICs (*newly industrialized countries*, países recém-industrializados) junto com os chamados *tigres asiáticos*. Seus 100 milhões de habitantes viviam então à espera de repartir o 'bolo' da economia, que só no ano de 72 crescia a 11%. A taxa de inflação parece hoje uma miragem: 15% ao ano. A dívida mal superava os US\$ 12 bilhões. A crise nas contas externas, no entanto, fez o país mergulhar na geia-geral dos países latino-americanos. "Se ainda há dois anos existiam duas Américas Latinas — a que se reestruturou e a que vivia a hiperinflação — hoje só nós continuamos no buraco", aponta o economista Edmar Bacha, da PUC-RJ.

O empobrecimento é evidente: se há dez anos o carro mais barato da indústria nacional ainda custava o equivalente a 55 salários-mínimos, hoje só pode ser comprado com 97 salários. A disparidade da renda aumentou ainda mais. Segundo cálculos do economista Régis Bonelli, também da PUC-RJ, o segmento correspondente a

1% mais rico da população ganhava, em 1981, 95 vezes mais do que os 20% mais pobres. Em 1990, este abismo crescera para 125 vezes mais. Significa dizer que os mais pobres do país, hoje, precisam trabalhar dez anos e meio para ganhar o que os mais ricos recebem num só mês.

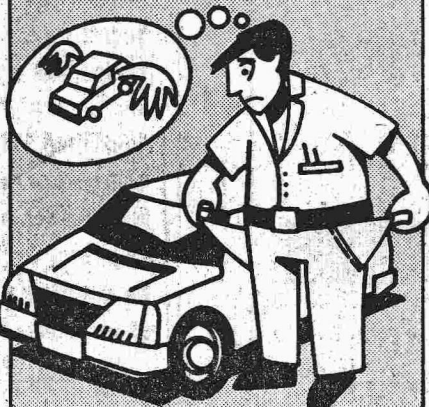
"Se o sistema financeiro saiu praticamente ileso, a década passa-

da foi uma catástrofe sem precedentes para a América Latina", sustenta Edmar Bacha. "A elite social, política e empresarial ficou encastelada e montou um mecanismo de autoproteção que a tornou cada vez menos competitiva", acrescenta o empresário Ricardo Semler, para quem o Brasil vai dar a volta por cima em cinco anos. Para Semler, a questão da dívida externa foi inflada para abafar pontos mais fundamentais como a questão da incompetência. "A dívida hoje é menor do que duas ferrovias japonesas e muito menor do que a dívida dos fazendeiros americanos", lembra ele. "O Brasil passou de país com futuro para país descartado. Hoje estamos na mesma categoria de investimentos do Paquistão e da Nigéria.

Carro zero, sonho distante

Com quantos s.m. se compra o carro mais barato da indústria nacional

1972	56
1982	55
1992	97



Disparidade

81: Os mais pobres trabalham 8 anos para ganhar o que os mais ricos recebem em 1 mês

90: Os mais pobres trabalham 10 anos e meio para ganhar o que os mais ricos recebem em 1 mês



Números que assustam

Os 20% mais ricos detêm uma renda 26 vezes maior do que os 20% mais pobres

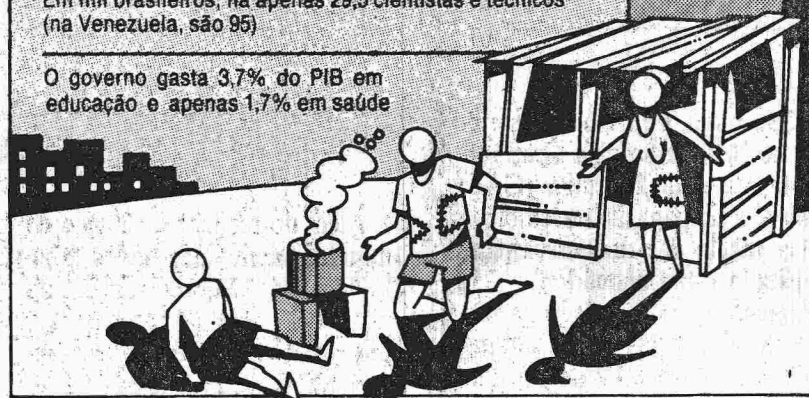
40% das famílias vivem abaixo da linha da pobreza

7,5 milhões de crianças e adolescentes até 17 anos trabalham (12,6% da população trabalhadora)

De cada mil crianças, ainda morrem 50 (no Nordeste, são 70)

Em mil brasileiros, há apenas 29,5 cientistas e técnicos (na Venezuela, são 95)

O governo gasta 3,7% do PIB em educação e apenas 1,7% em saúde



Fontes: IBGE e Human Development Report 1992

APERTANDO O CINTO



Campos Salles
Família de classe média

SÃO PAULO — O cinto cada vez mais apertado da família de Carlos Alberto e Maria Consuelo de Campos Salles mostra os dramáticos efeitos da crise nos bolsos da classe média. Enquanto nos anos 80 o casal e os dois filhos levavam uma vida de classe média alta, com um belo apartamento num bairro rico da cidade, nos

anos 90 a família teve que encarar desemprego, apartamento pequeno sem empregada e a mudança para uma escola mais barata. Antes, o casal jantava fora várias vezes por mês e ia ao teatro. "Hoje, só saímos em datas especiais", lembra Consuelo, que diminuiu as compras nos supermercados e trocou a feira pelo sacolão.

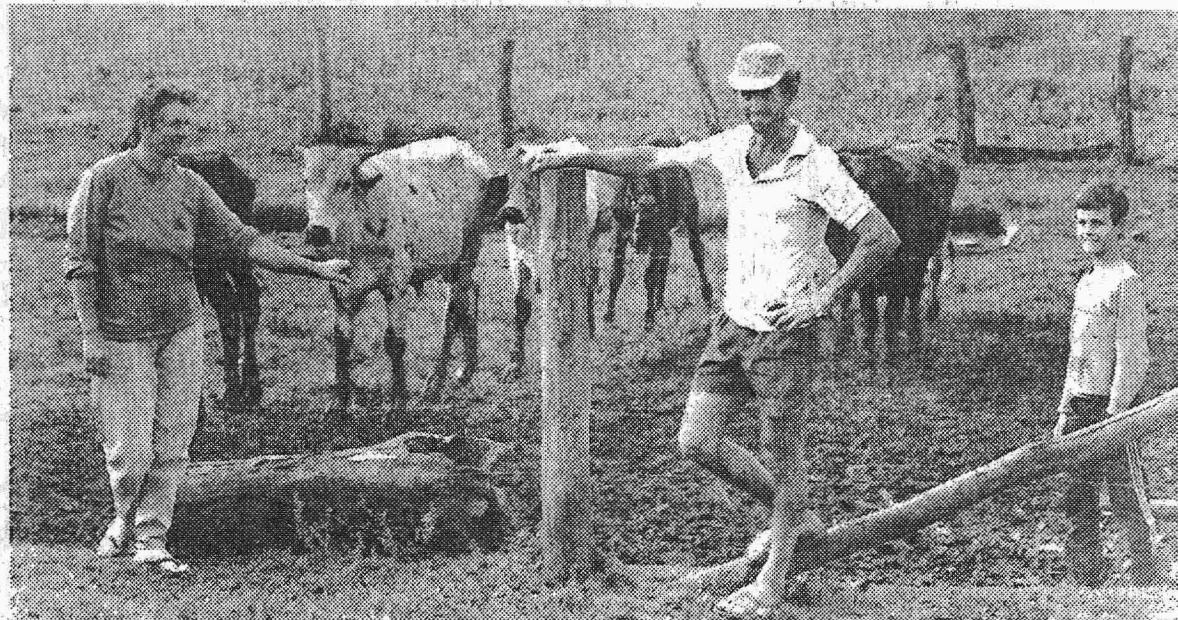
Severino Pereira de Lucena
Carpinteiro

RECIFE — A última vez em que o carpinteiro Severino Pereira de Lucena, 58 anos, lembra de ter-se sentido orgulhoso foi há mais de 20 anos: em 1971, quando, meses depois de ter comprado um terreninho na localidade de Prazeres, Grande Recife, ele concluiu a casa onde até hoje mora. Naqueles tempos de ditadura e *milagre econômico* ele tinha 37 anos e era carpinteiro da Varig, empresa que pagava bem e na qual trabalhara por 17 anos, até 85. Não sabe até hoje se foi demitido por causa da idade. Desde então, ele acumula decepções. Passou um tempo na Bahia, fazendo móveis de escritórios. Voltou e tentou trabalho em algumas marcenarias mas foi sucessivamente dispensado. Comprou algumas velhas máquinas de carpintaria e com elas ganha a vida, fabricando portas. Atualmente Severino é ajudado por um sobrinho da Bahia. Por cada porta que lhe encomendam cobra Cr\$ 100 mil, metade adiantada. Com esse dinheiro incerto ele compra comida e ainda consegue fazer um pouco de distribuição de renda, chamando as centenas de desempregados que perambulam pelo bairro pobre onde mora para o ajudarem em troca de Cr\$ 5 mil ao dia.



Eleodoro Sanches
Metalúrgico

SÃO PAULO — Eleodoro Sanches, 46 anos, casado, dois filhos, metalúrgico da Ford, lembra que há 26 anos recebia Cr\$ 2,13 por hora trabalhada. "Hoje, ganho Cr\$ 20 mil por hora. Parece mais dinheiro, mas o rendimento antes era muito maior", explica. "A vida piorou muito. Em 1978, eu tinha um Fusca 77. Hoje, tenho um Voyage 83", afirma. Com 26 anos de Ford, Eleodoro ganha Cr\$ 4 milhões por mês e garante que, sem a ajuda dos filhos, estaria em maus lençóis. Um deles, Ronaldo, também trabalha na empresa. Eleodoro tem saudades daqueles tempos em que o Brasil inteiro invejava os salários dos metalúrgicos do ABC. "Para fazer aquele churrasco para os amigos no final de semana, hoje é preciso planejar e economizar um mês antes. É ridículo e triste."



Sérgio e Elisa Reis
Agricultores

PORTO ALEGRE — Diversão, festas, viagens, fins de semana são palavras desconhecidas no vocabulário da família Reis. É trabalho duro, sempre. Em época de plantação, Sérgio José e a

mulher Maria Elisa acordam às 5h e caminham dois quilômetros até a lavoura. Há 10 anos, produziam leite. Vendiam 30 litros por dia e sustentavam a casa. "Hoje, não produzimos mais. Não vale a pena", observa Maria. Em 1982, Sérgio comprou

um micro-trator, financiado em três anos. "No primeiro ano, conseguimos pagar as prestações. No ano seguinte, os juros dispararam e tivemos grandes dificuldades. Banco, nunca mais", diz Maria.